

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ODAILVA PAGANI LEME DE CALAES

**MEMÓRIAS – CONQUISTAS E DESCOBERTAS DE
UMA PROFESSORA**

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ODAILVA PAGANI LEME DE CALAES

**MEMÓRIAS – CONQUISTAS E DESCOBERTAS DE
UMA PROFESSORA**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

© by Odailva Pagani Leme de Calaes, 2005.

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Calaes, Odailva Pagani Leme de

C125m Memorial de Formação : memórias – conquista se descobertas de uma professora / Odailva Pagani Leme de Calaes. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-164-BFE

“A memória não é um depósito de lembranças. É uma atividade... É uma procura de significados no passado”.

(Ecléa Bosi)

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao meu marido que sempre me incentivou.

Aos meus filhos, Rafael, Juliana e Ivana.

As minhas colegas de classe. Em especial à Maria Porfíria Scanferla Grillo.

A todas as APs do Curso de Pedagogia e aos Orientadores.

A minha amiga e colega de trabalho Renata Maria Leardine Bredaihole.

Dedico este memorial aos meus filhos: Juliana, Ivana e Rafael. À Juliana pelas suas orientações durante a elaboração deste trabalho científico; à Ivana pelo seu exemplo de força de vontade e determinação, assim como pelos livros que sempre providenciou, junto à biblioteca da UNICAMP toda vez que eu necessitei e ao Rafael pela grande ajuda que me ofereceu digitando muito dos meus trabalhos realizados durante a graduação em Pedagogia. Sem a valiosa colaboração deles, esta minha conquista talvez não fosse possível.

CALAES, Odailva Pagani Leme de. 64 f. **Memórias – Conquistas e Descobertas de uma Professora**. Curso de Pedagogia. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2005.

RESUMO

Memórias são para serem lembradas e jamais esquecidas, pois dentro de cada memória, dentro de cada momento que tenha passado, sempre existirá um certo conhecimento, uma certa aprendizagem que no tempo certo me marcou, ou me estimulou para a busca do saber naquele momento. Ao descrever minhas memórias, estou trazendo o passado para o presente. É difícil. É demorado. Mas é necessário aprender a fazer essa eterna busca no interior de mim mesma. Principalmente para quem é educadora essa busca deve ser constante e prazerosa. O ato de fazer um memorial deve exprimir alegria, ensinamento, afinal estou buscando o que de mais importante me ficou guardado lá no fundo do meu coração. Aquela lembrança da infância, do tempo de estudante, do tempo de aluna do magistério. Lembranças do meu desenvolvimento natural, ou seja, minha fase de bebê, minha fase de criança, minha fase de adolescente, minha fase de adulto, minha fase de mulher. Enfim este memorial deve ser uma retrospectiva de minha vida inteira com gostinho de quero mais. Quero mais significa aqui, querer aprofundar meus estudos, minhas experiências, meus ensinamentos, em cursos, palestras, em programas de formação continuada aos que fazem, assim como eu, da profissão de educador uma arte. E é sempre em meio a essas formações continuadas que nós educadores estamos sempre colhendo valiosas experiências, aprendizados, conhecimentos para enriquecer cada vez mais e mais nossas memórias. Aqui descrevi minhas memórias de criança, de adolescente, minhas conquistas como educadora, como mãe, como mulher e agora como pedagoga. Foi muito gostoso voltar o tempo e me sentir estudante novamente mesmo sendo professora.

Palavra-chave: DESENVOLVIMENTO, APRENDIZADO, LEMBRANÇAS, PASSADO.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
1- UM RENASCER NA INFÂNCIA.....	10
2- A CONSTRUÇÃO DO EDUCADOR NO MAGISTÉRIO.....	13
2.1 – Educação Infantil: um novo recomeço.....	15
2.2- O ser professor.....	15
2.3- A conquista da universidade.....	17
2.3.1 - A passagem para universidade.....	19
3- DA UNIVERSIDADE PARA A VIDA.....	21
3.1 – 1º Semestre.....	21
3.2 – 2º Semestre.....	24
3.3 – 3º Semestre.....	29
3.4 – 4º Semestre.....	35
3.5 – 5º Semestre.....	46
3.6 – 6º Semestre.....	55
4- CONCLUSÃO.....	61
5- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	63

APRESENTAÇÃO

Ontem eu era criança. Era adolescente. Era estudante. Tornei-me mulher. Tornei-me mãe. Tornei-me professora. Enfim muito tempo, ou melhor, muitos ontens já se passaram, e hoje estou no momento de escrever este memorial de Formação do Curso: Pedagogia Programa Especial de Formação de Professores em exercício.

Assim, todos os ontens da minha vida, foram reunidos e determinados hoje, exatamente no dia do desenvolvimento deste memorial. E cada ontem teve seu significado. Alguns muito simples e parecidos. Outros, bem singulares e de muita recordação.

Acontece que todos juntos fazem a história de minha vida de criança, estudante, adulta, mulher, mãe, professora e agora Pedagoga.

É preciso ter uma história para que um dia ela possa ser contada e apreciada. Aí entra esta minha significativa participação. Ser comum e fazer coisas simples é passar pela vida. Devemos ir, além disso, viver procurando sempre novos conhecimentos.

São preciso mais que sonhos. São preciso projetos, estudos, atrevimentos, coragem para que eles se conscientizem.

Poderia mirar os exemplos de Ecléa Bosi, Magda Soares, Mário Osório Marques, mas não preciso de exemplos tão nobres para falar sobre isso.

Certamente não houve ontens simples. Houve ontens criativos, brilhantes e até atrevidos. Ontens que marcaram a minha história. Pessoas que fizeram parte desta história.

Por que será que determinadas pessoas marcaram nossa infância, adolescência, enfim, nossa vida?

Talvez por nos deixar infringir regras de alguns segredos que nunca foram revelados. Talvez por contar coisas que os pais não nos dizem... Ou por fazerem ontens especiais.

Sim, são capazes de preparar cada dia de forma tão simbólica e especial que os dias passados não ficaram para trás, ficaram retidos na memória, e o prazer de trazê-los ao momento atual é tão agradável como ler um livro que me prenda a atenção do princípio ao fim. Este é o meu passado, as minhas memórias que devem ser lembradas, pois sempre foram capazes de deixar marcas significativas e boas cicatrizes em meu caráter, em minha maneira de olhar e entender o hoje.

Quando sonhamos futuros prósperos devemos viver o presente do dia de hoje, capaz de fazer história, marcando o passado com nossos traços.

E nesse emaranhado de tempo trazer do futuro os sonhos, do passado às realizações e do presente o gosto das boas escolhas que fizemos e faremos sempre que educados a criar, crescer, aprender, ensinar.

Este é o meu memorial. Que haja prazer nele. Que sejam sentidos os sonhos. E que a realidade mostre em três tempos, todas as coisas boas da minha vida de professora.

1- UM RENASCER NA INFÂNCIA

No arquivo de minha memória de mais de quatro décadas, guardo inúmeras imagens, de todas as cores e formatos. São imagens de desafios, de inseguranças, de emoções, de alegrias e tristezas, de receios, de conquistas. São muitos registros e especialmente flashes de memórias. Às vezes, revendo a enorme quantidade de fotos e documentos que materializam de certa forma essas minhas lembranças e que foram de grande valia para a realização deste meu memorial, chego mesmo até a sentir o cheiro da massinha de modelar que usava no jardim da infância, o cheiro de minha lancheira e relembro as carteiras duplas que mobiliavam as salas de aula, as primeiras professoras do antigo primário e, muitas outras experiências vividas durante essa minha trajetória escolar, de infância, de vida enfim, que fazem com que perceba que a lógica dessas lembranças é a da emoção.

Nasci no dia dois de Dezembro de 1960 na cidade de Itatiba. Meus pais eram na época proprietários do Hotel Colina de minha cidade e foi neste local que passei meus primeiros anos de vida.

Sou a caçula, a raspa de tacho como diziam meus pais. Tenho mais seis irmãos e apenas um é do sexo masculino.

A diferença de idade entre mim e meus irmãos é grande e sempre fui cercada de mimos e paparicos.

Minha irmã mais velha e que por sinal foi minha madrinha de batismo com meu irmão e que até hoje continua solteira foi sempre a que mais atenção me dedicou. Tinha e ainda a tenho como minha mãe, pois sempre foi quem me acompanhou à escola, ao médico, ao dentista e em tudo que se fazia necessário a presença de um responsável.

Minha mãe, analfabeta, estava sempre muito ocupada com os afazeres do hotel e algumas de minhas outras irmãs se casaram antes mesmo de meu nascimento. Tenho

sobrinhos mais velhos do que eu e nunca me senti tia deles e sim, uma prima ou uma amiga ou algo semelhante.

Além da Odacila, minha irmã mais velha, a qual carinhosamente chamo de Cila, apenas a minha irmã Ondina, que é também professora, conviveram comigo durante a minha infância. Esta fase de minha vida foi marcada pelas brincadeiras na praça que ficava próxima ao hotel onde eu morava e sempre na companhia de meus sobrinhos. Guardo recordações de apenas duas amigas desse período, a Rose e a Mirian. Brincávamos de índio, fazíamos fantasias utilizando folhas das árvores da praça que estavam caídas no chão e com os palitos de fósforo que recolhíamos espalhados pelas calçadas, pois naquela época ainda não existia o isqueiro. Brincava de casinha, de fazer comidinha e adorava ser a professora do faz de conta da escolinha cujos alunos eram as minhas bonecas.

Iniciei meus estudos com cinco anos no antigo jardim de infância, no qual permaneci dois anos, pois somente era permitido o ingresso na primeira série com sete anos completos. Lembro-me com muito carinho da Dona Rosa, minha professora na primeira e na segunda série, pois aquela senhora tão franzina e já com avançada idade foi quem me alfabetizou. E, mais do que isso me ensinou a ler. Fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave, lembro-me das lições desta já ultrapassada ferramenta de trabalho, de ensino tradicional, mas que me trazem boas recordações.

Que saudade da Dona Rosa, da Dona Analine e do Senhor Guerino, respeitados, prestigiados e valorizados professores primários de minha infância, na década de 60.

Minha irmã Ondina sempre trazia para casa cópias das atividades de seus alunos e eu me divertia muito no papel de professora, utilizando estas atividades nas minhas brincadeiras. Desde pequena eu queria ser professora e assim foi.

Continuei meus estudos na mesma escola em que iniciei, ou seja, o Grupo Escolar Coronel Julio César e fiz magistério na escola estadual de segundo grau Coronel Manuel

Euclides de Brito, situado em minha cidade. Quando já estava no quarto ano de magistério, fazendo especialização para pré-escola, prestei vestibular para o curso de Estudos Sociais e entrei para a faculdade de Ciências e Letras de Itatiba, hoje Universidade São Francisco.

Freqüentava pela manhã, o último ano do magistério e à noite ia para a faculdade. Conquistei a licenciatura curta no ano de 1979 e no ano seguinte comecei a lecionar.

2- A CONSTRUÇÃO DO EDUCADOR NO MAGISTÉRIO

Naquela época, tudo era muito difícil. Para conseguir uma classe era necessário participar das atribuições semanais que eram realizadas na cidade vizinha de Jundiaí. Que período difícil foi aquele, pois religiosamente, chovendo ou fazendo sol, lá estava eu, toda sexta-feira, pegando ônibus para Jundiaí a fim de participar destas atribuições.

Foram quase dois anos nesta peregrinação para conseguir apenas substituições, uma licença-saúde aqui outra licença-prêmio ali. Mas não se podia recusar nada.

Minha primeira experiência como docente foi em uma escolinha isolada na Zona Rural, no bairro do Alagado. Para chegar até o prédio da escola, eu que nunca havia andado em nenhum meio de transporte que não fosse automóveis ou ônibus, tinha de enfrentar uma longa estradinha de terra em cima de uma charrete conduzida por um senhor do qual não me recordo o nome e que era funcionário da Fazenda onde a escola se encontrava. Um fato marcante deste trajeto foi à vergonha que eu sentia toda vez que o cavalo que estava ali na minha frente, fazia as suas necessidades bem diante dos meus olhos, eu nunca tinha visto cena tão embaraçosa.

Nesta escolinha lecionei em uma classe mutiseriada, primeira, segunda e terceira série. Foi muito difícil, sem experiência, sozinha além de ser professora, eu também era a responsável pela limpeza da sala e pela merenda dos meus alunos. Permaneci nessa escola por dois meses.

Algum tempo depois consegui uma licença prêmio, foram quarenta e cinco dias que substituí a professora titular em uma escola também na Zona Rural. Esta escola ficava na fazenda Atibainha, e lá também eu era a única responsável por tudo. Lembro-me até de uma cobra que apareceu na minha classe numa certa manhã e foi um momento muito marcante,

pois sou uma pessoa muito medrosa, e até hoje não sei como tive coragem de a vassourada espantar este animal da minha sala de aula.

Uma nova experiência surgiu apenas no ano seguinte e foi uma licença gestante. Desta vez, fui responsável por uma classe de quarta série localizada no Bairro do Cruzeiro, Zona Urbana de minha cidade.

Nossa! Como foi difícil levar esta classe com tantos alunos e com um currículo tão extenso para cumprir, mas consegui. Naquela época julgava-se ser a meta que um professor deveria alcançar para que os seus alunos tivessem uma educação de qualidade.

Minha prática foi pautada pelo cumprimento do currículo, na utilização de livros didáticos, não livrando meus alunos de decorar sem entender, nomes, datas e fatos, pois deveriam aceitar conhecimentos “prontos”mediocrementemente embalados nos livros didáticos descartáveis. Como eu estava errada!Mas o ensino tradicional daquela época exigia alunos passivos ouvindo e repetindo, repetindo, repetindo.E eu acreditava que isto era o certo, pois foi assim que aconteceu comigo durante a minha formação e que ainda permeava a prática dos professores na década de 80, início da minha carreira. Époça que os professores agiam como quem depositava conhecimentos num aluno apenas receptivo, dócil.O saber era visto como uma doação dos que a julgavam seus detentores.Hoje, felizmente vejo com clareza os danos que este tipo de educação acarreta, pois não desafia os educandos, matando a sua curiosidade e criatividade.

Permaneci nesta escola até o final do ano letivo. Em Janeiro do ano seguinte me casei e desisti de terminar a faculdade. Como me arrependo desta decisão!

Logo vieram as minhas duas filhas, me afastei durante alguns anos do magistério para poder me dedicar integralmente às minhas meninas, Juliana e Ivana. Durante este período de afastamento, apenas lecionei por cinco meses, em uma Escola Particular chamada Canarinho, e nesta eu era professora de Estudos Sociais da quinta e da sexta série.

Sempre fui uma pessoa tímida e retraída e uma situação vivenciada por mim durante este período reforçou ainda mais esta minha insegurança. Certo dia fui chamada pela diretora que me repreendeu, eu não me recordo o motivo, mas a fala desta diretora até hoje eu não consigo esquecer: *“Aqui é uma escola particular e você precisa saber que os pais dos alunos sempre têm razão, mesmo que todos saibam que o professor é o certo”*. Passei então a temer ainda mais os diretores e as reuniões de pais então, meu Deus! Como era difícil de enfrentá-las.

2.1 – Educação Infantil: um novo recomeço

Em 1984, prestei concurso para a prefeitura de Itatiba e me efetivei na Educação Infantil. Novamente, fui pra Zona Rural no Bairro de Tapera Grande, e ali não foi à cobra a minha preocupação, e sim as baratas que apareciam quase que diariamente, pois havia muito mato nos arredores desta escola. Que tempos difíceis!

Mais uma vez tudo era novidade, pois até então nunca havia lecionado para alunos da pré-escola, mas aos poucos fui percebendo que trabalhar com os pequeninos era muito prazeroso. E permaneci nesta escola até 1988, quando nasceu o meu filho Rafael e ficou muito difícil continuar na Zona Rural. Consegui remoção para uma escola próxima a minha casa, a EMEI Andorinha, escola em que até hoje permaneço como professora efetiva da pré-escola.

2.2- O ser professor

O professor é um profissional que está sofrendo perdas diversas, salários menores, formação decadente, condições “insalubres” de trabalho, menor poder aquisitivo, um sobretrabalho originado pela dupla, até mesmo tripla jornada de trabalho, o que resulta num nível de desgaste físico e mental extraordinário.

Hoje, o professor ganha mal para dar aulas, ser psicólogo, ser mãe, prestar serviços sociais para a família de seus alunos e qualquer deslize involuntário na sua função, é punido muitas vezes por aqueles que vivem atrás de suas mesas em uma secretaria qualquer sem ao menos lhes dar chance de defesa.

A infância de hoje, muito se diferencia da infância de minha época. Atualmente, o que encontramos em nossas escolas são crianças rebeldes, sem limites e com muitas informações. Essas crianças são bem informadas graças à mídia, a tecnologia, são crianças espertas que vivem em um tempo dinâmico. A tecnologia com jogos individualizados, agressivos, eletrônicos, ocupam um espaço maior ou até mesmo totalitário nas brincadeiras destas crianças modernas e isto se reflete na escola, pois não há espaço para a imaginação, o faz de conta, a mídia está roubando-lhes este espaço. Os alunos já na educação infantil são autoritários, não tem limites, fruto de uma desestruturação familiar, visto que é crescente o número de crianças oriundas de famílias distantes das nucleares de antigamente.

Muitos pais, atualmente, mandam seus filhos para a escola, porque precisam trabalhar e não tem com quem deixá-los. Não participam das reuniões de pais, das convocações que pedem a sua presença na escola para que junto com a professora possam tomar decisões a fim de resolver possíveis problemas existentes. Mas, quando julgam que seus filhos não estão atingindo os seus objetivos no ensino, culpam a escola, a professora pela má formação educacional; pela sua ignorância no saber, generalizam toda a classe profissional do ensino. Isto não deve acontecer, pois sei que alguns “professores” estão incapacitados de lecionar, mas nada que uma boa formação continuada os faça ser um excelente profissional.

Realmente, a tarefa de ser professor não é das mais fáceis, mas sou apaixonada pela minha profissão.

Infelizmente, ainda se acredita que os professores de educação infantil e das primeiras séries do Ensino Fundamental não precisam ter curso superior, porque lidam com crianças

pequenas. É uma injustiça ao mesmo tempo com as crianças e com nós, professoras. Quanto mais nova a criança, mais ela precisa de um especialista. Além disso, a ausência de formação universitária, muitas vezes, é utilizada como justificativa para nossas baixas remunerações. Ou seja, em longo prazo, ninguém sai ganhando com a manutenção da formação de nível médio para professores.

Eu, assim como a maioria dos professores em exercício, tenho a consciência desta necessidade da formação universitária, mas devido à própria condição de trabalho, salários baixos, obrigando-nos a assumir uma jornada dupla, e às vezes até tripla de trabalho, representam um grande obstáculo para investir nesta nossa formação, mesmo sabendo que ela é fator primordial para uma prática de qualidade na educação.

2.3- A conquista da universidade

Tomar esta decisão e reiniciar o Ensino Superior foi muito difícil, embora no ano de 1996, mais precisamente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, tivesse sido publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que tornava obrigatório a todos os professores da Educação Infantil ao Ensino Médio tivesse diploma de Nível Superior, mas não estipulava prazos a esse respeito e também determinava nas disposições transitórias no parágrafo 4, art. 87, que “até o fim da Década da Educação, somente seriam admitidos professores habilitados em nível superior ou formandos em serviço”. Essa questão gerou controvérsias e levou muitas pessoas, inclusive eu, a pensarem que após dez anos da promulgação da Lei, o acesso e a permanência em funções docentes passariam a ser prerrogativas, exclusivas de professores com formação em nível superior. Tal confusão somente se desfez com o parecer do conselho nacional de educação (CNE) homologado em julho de 2004 pelo Governo Federal.

Até que tudo ficasse esclarecido criou-se um clima de insegurança e de angústia para mim, pois diante da “obrigatoriedade” do Ensino Superior, muitas questões foram elaboradas por mim: como pagar uma faculdade? Como arrumar tempo para estudar e fazer os estágios exigidos? Além destas dúvidas, também tinha uma outra mais conflitante: como enfrentaria novamente um vestibular depois de tantos anos dedicados apenas às leituras voltadas à educação? Foi um período muito difícil, me sentia confusa e muito, mas muito insegura mesmo. Sinceramente, não me julgava capaz de voltar a estudar em uma universidade. Eu, justamente que estou na idade de ser avó, perto de me aposentar, não teria estrutura para encarar esse desafio... .

Hoje, percebo, apesar de sempre acreditar estar no caminho certo e do meu grande empenho em realizar um bom trabalho, o quanto a falta de embasamento teórico, de novas informações, de boas leituras permitiam que errasse muitas vezes com meus alunos nos primeiros anos de magistério.

Sempre procurei participar dos cursos de capacitação que a prefeitura me ofereceu, mas sinceramente nenhum deles trouxe contribuições significantes para enriquecer a minha prática, somente no ano de 1999, quando participei do curso de Extensão Acadêmica em Temas Transversais em Educação realizada no Campus de Itatiba da Universidade São Francisco e no ano seguinte, participando do curso PROEPRE: fundamentos teóricos e práticos, e que tomando conhecimento de várias teorias, entre elas, as de Jean Piaget, é que pude perceber a necessidade de uma transformação, de crescer dentro de minha profissão de educadora, e ficou ainda mais claro a necessidade de continuar meus estudos e reiniciar o Ensino Superior, mas como já disse, me senti confusa e insegura para tomar esta decisão.

Certa manhã de maio do ano de 2002, a diretora da minha escola entregou para todas as professoras um formulário elaborado pela Secretaria de Educação de Itatiba, que deveríamos ler e preencher a fim de que fossem determinados quais os professores da rede que não

possuíam curso superior. Tomamos conhecimento de que haveria um vestibular especialmente elaborado para professores em exercício e que não possuísem licenciatura plena. O vestibular seria para o curso de Pedagogia, destinado somente para os professores em exercício e que não possuísem Licenciatura Plena; o PROESF.

Meu Deus! Foi aquela euforia, pois os classificados neste tal vestibular passariam a ser alunos de uma das instituições de ensino das mais renomadas, a UNICAMP.

Meu cérebro virou um turbilhão de sentimentos: insegurança, medo, euforia, não conseguia entender o que estava se passando dentro de mim diante de tantas novidades.

Pois bem, o vestibular foi marcado e as inscrições deveriam ser feitas pelos interessados. Fiquei muito indecisa, adiei o quanto pude a minha inscrição, mas finalmente no último dia destinado para este fim, me inscrevi e fosse o que Deus quisesse.

Que período difícil foi o da espera pelas provas, fiquei várias noites sem conseguir dormir direito e confesso que pensei em desistir, mas felizmente não tomei esta desastrosa decisão.

2.3.1 - A passagem para universidade

Chegou então o grande dia, um domingo frio e cinzento do mês de julho. Lembro-me muito bem deste dia, a prefeitura de minha cidade colocou à nossa disposição um ônibus e todas as professoras inscritas viajaram juntas para Campinas. Durante a viagem, a maioria das colegas de profissão estavam animadas, mas eu estava me sentindo um peixe fora da água. O que eu estava fazendo ali? Tinha certeza que não conseguiria passar neste vestibular.

Quando recebi a prova e iniciei a leitura, percebi que se tratava de uma prova específica, as questões enfocavam práticas de nosso cotidiano escolar. Fui me entusiasmando e escrevendo tanto que minha mão chegou a doer de tanto escrever.

Meia hora antes do horário previsto para o encerramento entreguei a prova. Estavam a minha espera o meu marido e minha filha Juliana e, assim que me viram perguntaram como tinha sido, respondi com um sorriso e um chacoalhar de ombros.

Embora tivesse achado a prova fácil, ainda não podia acreditar que seria classificada, a minha insegurança, timidez, impedia de enxergar a minha capacidade como educadora.

Foi com muita surpresa que recebi a notícia da minha classificação. Novamente fiquei confusa e não acreditava no que estava acontecendo, minha vida tomaria outro rumo, voltaria a estudar e justamente na UNICAMP, passaria a ter Conhecimentos e melhores condições de exercer a minha profissão. Contei para todas as minhas amigas, para a minha família, principalmente para meus filhos e marido com muita alegria, este momento eu também nunca esquecerei.

O período de espera para o início das aulas, onde o medo de não dar conta, a culpa por abandonar a família estava sempre me atormentando, foi muito penoso, mas resolvi encarar o desafio.

3- DA UNIVERSIDADE PARA VIDA

3.1 – 1º Semestre

O reencontro com o estudo foi emocionante, mas confesso não foi brincadeira.

Iniciamos com uma palestra sobre este novo curso da universidade, que aconteceu no dia 28 de agosto de 2002 no prédio da Faculdade de Educação da UNICAMP em Campinas. Foi a nossa primeira aula Magna e, havia muitas expectativas em torno desta disciplina, pois não entendíamos direito qual seria a sua finalidade dentro do nosso currículo.

O segundo dia de aula foi no prédio do CEPROVI, uma escola técnica localizada na cidade de Vinhedo e que devido a uma parceria com a UNICAMP foi colocada à disposição para que pudessem acomodar todos os professores classificados, que em sua totalidade eram 400 novos alunos. Fomos divididos em três pólos: Campinas, Americana e Vinhedo.

No CEPROVI estudaram todas as alunas de Itatiba, Indaiatuba, Valinhos, Vinhedo e algumas da cidade de Jundiaí. A escola onde eu realizei este curso conta com um prédio moderno, bem aparelhado, amplo e tem como um verdadeiro cartão postal, o seu jardim que fica localizado na parte interna do prédio e o qual nós apelidamos de Jardim do Edem.

Pois bem, neste segundo dia do curso, a professora Márcia apresentou-se como a assistente pedagógica (AP) da disciplina Educação e Tecnologia. Foi a vez então de todas as alunas da minha classe, a turma J, se apresentar e pude perceber que minhas colegas de classe eram professoras na sua maioria já bastante experientes e até mesmo uma prima minha de Valinhos estava entre elas.

Segundo a nossa Assistente Pedagógica o laboratório de informática ficaria livre para a nossa turma toda quinta-feira e nós deveríamos criar o nosso e-mail, cadastrar uma senha para fazer nosso registro na universidade. Todas aquelas tarefas eram completamente desconhecidas, pois embora tivesse computador em casa, nunca me interessei por informática.

Foi uma verdadeira novela, a classe assim como eu era composta por professoras leigas neste assunto, apenas a Regina Paula e a Paula Ciffoni (esta colega desistiu do curso no segundo semestre, pois se mudou para Recife), é que dominavam aquela “máquina de torturas”. Demoramos quase todo semestre para familiarizarmos um pouco com o computador.

Na terceira aula, conhecemos a professora Ângela, responsável pela disciplina Pensamento Histórico e Educação e tomando conhecimento do seu programa de ensino, percebi que esta seria uma disciplina muito prazerosa, pois como já citei acima, fiz o curso de Estudos Sociais e adorava estudar fatos históricos.

A próxima aula foi da professora Ivanda, nossa assistente pedagógica de Teoria Pedagógica e Produção em Português, que após apresentar a sua disciplina enfatizando a necessidade do registro das aulas, da sua importância para reflexão da nossa prática comentou sobre alguns trabalhos que deveríamos realizar ao longo daquele semestre. Guardarei na minha memória as palavras desta professora ao explicar a forma destes trabalhos: “Vocês deverão fazer uma síntese reflexiva que deverá conter apenas duas laudas em Arial 12, com espaço 1,5”. Meu Deus! Nem dormi direito, aquela e muitas outras noites pensando nestes benditos trabalhos. Eu, logo eu, que nunca tive facilidade em escrever e não imaginava o que seria Arial 12 com espaço 1,5!

Na aula seguinte, conheci Marlene, a nossa professora da disciplina Multiculturalismo e Diversidade Cultural que também comentou os tais trabalhos científicos e a necessidade de realizarmos seminários para apresentação na classe. Que agonia! Pensei em desistir várias vezes, não conseguiria, aquilo não era para mim. Produzir textos fazendo reflexões e ainda ter que apresentar para a classe lá na frente com tantas professoras me ouvindo, definitivamente isso eu não conseguiria fazer.

O tempo foi passando e confesso que foi muito difícil, pois acordar às 6 horas da manhã, trabalhar durante todo o dia e depois ainda ir para a faculdade, conseguindo dormir somente depois da meia-noite, pois saímos às 22:30hs de Vinhedo, até viajarmos para Itatiba com a Tópic do Seu Alcides (esta Tópic foi um caso a parte, que comentarei posteriormente) e fazer a peregrinação da entrega das 17 colegas que viajavam juntas comigo, chegava em casa aproximadamente às 23:45hs, pois era a penúltima a ser entregue.

Fiquei conhecida como a dorminhoca da classe, tinha que tomar guaraná em pó para conseguir ficar acordada após as 22 horas e como foi difícil essa tarefa.

O tempo, como afirmei, foi passando e o desânimo também, comecei a me interessar pelos assuntos apresentados pelas professoras. As aulas da professora Ivanda se pareciam muito com o PROFA, curso que eu também estava realizando aos sábados e um enriquecia o outro, percebi como a teoria serve para nos ajudar a entender o que acontece em sala de aula, pois é nela que encontramos as respostas para muitos dos nossos problemas no dia-a-dia e que apenas podemos fazer a reflexão da nossa prática através dos registros.

A experiência das colegas de classe também sempre me ajudou muito durante todo esse curso. Ao final deste primeiro semestre, eu nem acreditava no que estava acontecendo comigo, eu, juntamente com minhas amigas do grupo realizamos ainda com um pouco de receio, mas com êxito, os tais seminários e até uma apresentação teatral foi realizada por nós como parte da avaliação de multiculturalismo. Esta experiência foi muito marcante, eu e a colega Viviana interpretamos duas escravas e tivemos que pintar partes do corpo com uma pasta preta que foi um sacrifício tirar depois, vestimos roupas da época e nos envolvemos muito com o tema em questão que era a colonização brasileira, sem dúvida ficará nas minhas memórias. Durante todo esse semestre pude acompanhar o estudo de minha filha Juliana que estava preparando o seu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Ficava observando suas

pesquisas, suas leituras e já imaginando como seria quando chegasse a minha vez de fazer esse trabalho.

As professoras já haviam comentado que o nosso TCC seria um Memorial de Formação, mas nada tinha sido esclarecido até então.

Minha filha, Juliana, colou grau em Turismo pela Universidade São Francisco em Bragança Paulista, foi muito gratificante ver a minha primeira filha concluindo o Ensino Superior. Terminei o ano de 2002 muito feliz, aquele sem dúvida foi um ano de grandes conquistas para mim e para minha família.

O ano de 2003 começou com uma alegria imensa, pois teve início a realização profissional de minha filha Ivana. A recompensa por tanto sacrifício desta criatura que durante três anos não fez outra coisa se não estudar. Ela finalmente conseguiu passar no vestibular da Unicamp e iniciou seu curso de medicina. Este sonho não era só dela, era meu também, pois desde pequena minha filha afirmava que seria médica, assim como eu afirmava que seria professora e consegui, ela haveria de conseguir também e para isso não foram poupados esforços, angústias, expectativas e muitas frustrações, pois a cada ano que conferíamos os resultados dos vestibulares e o nome dela não constava na lista dos selecionados era uma profunda tristeza, mas nunca um sinal de derrota.

3.2- 2º Semestre

O segundo semestre do meu curso de pedagogia iniciou-se no mesmo dia em que eu juntamente com o meu marido participamos do primeiro encontro com os pais dos calouros de medicina, foi um dia extremamente marcante, naquele encontro tomei consciência do tamanho da conquista da minha filha.

Fui direto de Campinas para Vinhedo muito feliz e durante toda aquela semana de aula, fiz questão de contar para as nossas novas APs assim como para as colegas da classe a vitória

de minha filha Ivana (mãe e filha na Unicamp foi o máximo). Passada a euforia e tomando conhecimento das disciplinas a serem trabalhadas durante aquele semestre: Sociologia, Filosofia, Pesquisa Educacional e Matemática, foi um novo desafio, pois destas disciplinas eu só me identificava com a Matemática, pois já havia realizado muitos cursos nesta área e principalmente o MATHEMA (curso oferecido pela Universidade de Itatiba em parceria com a Prefeitura Municipal) me deu um embasamento teórico e prático muito bom e que me foram de grande valia para o meu desempenho também dentro desta disciplina, pois saio desta universidade mais consciente da necessidade de adquirirmos práticas pedagógicas que possibilitem aos nossos alunos pensar, raciocinar e procurar soluções para os problemas encontrados, que lhes possibilitem usar desde cedo uma grande variedade de materiais concretos, e porque não, permitir que utilize os próprios dedos das mãos (quando os alunos fazem usos das mãos para contar ou resolver problemas que envolvam cálculos aritméticos, eles estão intuitivamente reproduzindo um gesto que foi importante na evolução das noções numéricas na história da humanidade e não mostrando uma deficiência em sua aprendizagem dos números) para que possam ir formando corretamente os conceitos matemáticos, os conceitos de números, as operações que fazem das brincadeiras uma forma eficiente de aprendizagem.

Tinha uma visão equivocada da filosofia, achava muito chato estudar Platão, Marx, Aristoteles, Kant, Descartes, entre outros pensadores, pois não compreendia a contribuição das teorias dos filósofos para o conhecimento não apenas do mundo, mas também para o conhecimento de nós próprios de modo que, a partir destes conhecimentos, possamos manipular a natureza e assegurarmos a nossa própria plenitude orgânica.

Percebi durante estas leituras realizadas no curso e nos comentários na sala de aula o valor destes conhecimentos teóricos para conseguir entender o que está acontecendo hoje dentro e fora das nossas escolas. Hoje, o que enfrentamos é a incerteza no futuro, pois as

peessoas perderam a identidade, somos apenas um número dentro do sistema. O homem domina a natureza com a razão, há carência de solidariedade, da ética, é preciso buscar novos valores e nós como professores precisamos passar tais valores morais, éticos para nossos alunos.

A realidade atual precisa ser modificada, percebi que a filosofia pode ser usada com esta finalidade. Segundo a nossa professora Alda: *“A partir do momento que possui o domínio do pensamento e da linguagem é preciso que o homem seja levado a filosofar”*.

Estamos vivendo uma época na qual se atingiu o desenvolvimento tecnológico fantástico, porém atingimos a miséria fantástica.

O homem de hoje limita-se a uma única de suas dimensões, só lhe interessa o que serve, o que lhe dá muito dinheiro e status. Se olharmos isto do ponto de vista humano é muito trágico, pois representa a decadência do ser humano como pessoa. Está na hora de começarmos através do nosso trabalho de educadores a repensar sobre as faces humanas perdidas no processo da humanidade.

Ficou muito claro para mim, a necessidade de nos re-alfabetizarmos para o mundo de hoje, para educar realmente os futuros cidadãos, pois atingimos a um elevado grau de desenvolvimento científico e nos sentimos mais inseguros do que nunca. Conhecemos a natureza como nunca antes e nos tornamos seu depredador. Desenvolvemos sofisticadas técnicas de produção de alimentos e morremos de fome. Fizemos do trabalho uma das preocupações centrais da nossa cultura e não temos emprego para todos. Estudamos como nunca as relações humanas e nos isolamos uns dos outros.

Estas questões precisam ser trazidas à consciência dos nossos alunos, pois podem ser o germe da tão necessária transformação. *“... a reflexão trabalha o pensamento e o seu registro permite que se supere o mundo das lembranças...”* (FREIRE, Madalena. 1996, p. 41).

No início dos encontros de Pesquisa Educacional com a professora Silvia Bez, havia dúvidas, pois realizar uma pesquisa não é uma prática constante em nossas escolas. Durante este semestre, através de muita leitura, realização de seminários abordando a posição do professor como pesquisador, investigador, reflexivo e a sua relação com a pesquisa, muitas destas dúvidas foram sendo esclarecidas. Percebi a importância de ser uma professora observadora, questionadora, pesquisadora enfim; pois observar, investigar, olhar o outro e a si próprio significa estar atento, buscando significado do desejo acompanhando o ritmo do outro.

Também foi alvo de discussão a observação como parte da aprendizagem do olhar que é uma ação altamente movimentada e reflexiva. O ato de observar envolve todos os outros instrumentos, reflexão, avaliação e o planejamento. Muitas vezes passamos pelas pessoas, pelos nossos alunos e não os olhamos com este olhar investigativo, guloso por detalhes, não refletimos sobre a nossa prática educativa, justamente pela falta deste olhar tão importante para o nosso crescimento tanto pessoal como profissional.

A questão do registro novamente foi alvo de minha atenção. Tomei consciência da validade de registrar as minhas experiências, as minhas incertezas, pois conclui que quando se registra formula-se perguntas, levanta-se hipóteses que permitem um aprendizado constante. Com esta prática, guardamos fragmentos do tempo vivido que nós são significativos para mantê-los vivos, não somente como lembranças, mas como parte de nossa memória.

Também foi objeto de estudo nessa disciplina o fato de que a concepção do professor como investigador, pesquisador e produtor de conhecimentos, visando com esta postura melhorar a sua prática pedagógica não ser recente, pois muitos pesquisadores desde os anos quarenta se destacaram neste trabalho de união entre a pesquisa e o trabalho docente. Estudamos alguns destes pesquisadores, tais como: Kurt Levin, Laurence Stenhouse, Liston, Pedro Demo, entre outros.

Esta disciplina abordou a necessidade da pesquisa não somente para os professores acadêmicos, mas também para nós professores da educação básica, pois é através dela que garantimos o exercício do magistério.

Conclui que nós, professores do ensino fundamental e da educação infantil, podemos fazer pesquisas, contudo faltam-nos condições mínimas para que possamos aliar as investigações ao nosso trabalho cotidiano, pois como já mencionei no início deste memorial, falta-nos tempo, recursos financeiros para um bom embasamento teórico e falta-nos até muitas vezes o apoio da direção das nossas escolas.

Isto é muito preocupante, pois se pretendemos ser professores pesquisadores, precisamos ter este embasamento teórico para que possamos nos posicionar perante as teorias que nos são freqüentemente apresentadas. Muitas vezes nos deparamos com teorias que são verdadeiros modismos e que nos são impostos, um exemplo recente é a questão do construtivismo que é visto como o ideal para ser seguido em determinado momento, logo após, os PCNs é que os são e assim por diante.

É preciso que se dê mais valor as pesquisas, já que o que nos vemos na educação é a preocupação de se expor ou comprovar as teorias já existentes, sem criar novas teorias. A tendência é acertarmos as coisas como verdades absolutas, sem criticar, sem refletir, e se posicionar perante essas verdades que de maneira nenhuma são absolutas.

Enfim, muitas informações foram passadas durante esses semestre, respondendo boa parte de minhas indagações, permitindo assim uma maior reflexão sobre o papel da pesquisa na educação.

Estou consciente de que todos somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender e, nós educadores, também de ensinar e a pesquisa é um grande aliado deste nosso desejo, mas infelizmente também tenho a consciência de que há muito a ser conquistado, pois ainda somos reflexos de um sistema que não valoriza muito o pesquisador. Embora tenhamos aprendido

que é possível fazer pesquisa nas nossas escolas, percebo que ainda falta-nos mais autonomia e autoconfiança para deixarmos de aceitar situações nas quais não concordamos. Espero que este quadro mude e possamos em breve realmente tornar-nos reflexivos, questionadores, investigadores, verdadeiros profissionais da educação engajados na pesquisa. Esta disciplina assim como outras vistas neste curso serviu-me de incentivo para que siga em frente confiante de que sou capaz.

No final do primeiro ano deste curso, o cansaço continuava a me acompanhar, mas o desânimo, a sensação de incompetência para encarar esta nova etapa da minha vida, já não estava tão presente assim, sentia que algo já havia mudado dentro de mim.

3.3- 3º Semestre

Iniciamos o terceiro semestre no dia 30 de Julho de 2003 com a professora Maura Hess Junqueira, responsável pela disciplina Avaliação e que tinha como orientador o professor Luis Carlos Freitas. Tinha uma certa intimidade com esta professora, pois Maura foi à diretora de minha escola por dois anos. Suas aulas foram recheadas de teorias, permitiram assim o conhecimento da nossa realidade, quem realmente dita as normas da educação, suas conseqüências no processo de avaliação dos nossos alunos visto que a avaliação em todos os seus conceitos é voltada para o sentido político. Esta idéia é transmitida nestes encontros foram-me de grande valia.

Nestas aulas, fizemos um resumo histórico, social e econômico tendo como finalidade de mexer na concepção de educação e de avaliação dentro de cada um de nós. Confesso que foi muito cansativo todas aquelas leituras e a análise de tantas teorias, mas ao final do semestre pude perceber novamente o valor de tomar conhecimento das teorias para poder melhorar a minha prática.

Ficou claro para mim que os objetivos da avaliação estão no projeto pedagógico de cada escola. Se a opção da equipe escolar é selecionar os melhores e excluir os outros, então a

melhor saída é a boa e velha prova, é continuar com a maneira tradicional de avaliar o aluno. Caso o compromisso seja no sentido de incentivar o aluno a enfrentar desafios, então a conversa muda de rumo. É aí que na minha opinião, nós da educação infantil merecemos mérito, pois diariamente oferecemos atividades diferentes e criativas para reter a atenção das crianças, orientamos todo o trabalho que geralmente é realizado em grupos que observamos o tempo todo. Esta prática nos permite identificar os pontos em que o aluno avançou e os que precisam ser trabalhados, tanto no que diz respeito a conhecimentos quanto a atitudes.

Outro consenso é a importância da auto-avaliação, maneira adotada pela professora Maura para nos avaliar e prática que eu particularmente realizo constantemente com os meus alunos ao final de cada dia de aula, momento este em que os meus alunos relatam como foi o seu dia de aula, o que aprendeu, o que não entendeu, o que mais lhe agradou, sem, contudo limitar-se a recriminar atitudes dos colegas.

[...] observar, olhar o outro e a si próprio significa estar atento, buscando o significado do desejo, acompanhando o ritmo do outro, buscando sintonia com eles. A observação faz parte da aprendizagem do olhar que é uma ação altamente movimentada e reflexiva.

Ver é buscar, tentar compreender, ler desejos. Através do seu olhar, o educador também lança seus desejos para o aluno.

Para escutar, não basta também só ter ouvidos. Escutar envolve receber o ponto de vista do outro (diferente ou similar aos nossos, abrir-se para o entendimento de sua hipótese, identificar-se com sua hipótese, para a compreensão do seu desejo.

Para falar, não basta ter boca, é necessário ter um desejo para comunicar, pois todo desejo pede, busca comunicação com o outro. Também, todo o desejo é desejo do outro. É o outro que me impele a desejar...

É na fala do educador, no ensinar (intervir, devolver, encaminhar), expressão de seu desejo casado com o desejo que foi lido, compreendido pelo aluno, que ele tece o seu ensinar.

Ensinar, aprender, construir conhecimento são movidos pelo desejo e pela paixão.

Algumas vezes, a chama do desejo pode estar baixa, quase apagado... Espaço onde o educador necessita reavivá-la com intervenções explícitas. Outras vezes, pelo contrário, necessita educar. Limitar a força desorganizada e até destrutiva da chama...

Desejo e paixão que, através do ensinar e do aprender, são educados.

Desejo e paixão de vida.

Forças em luta permanente dentro de nós".

(Madalena Freire, 1996, p31)

Também fez parte desse terceiro semestre a disciplina Pensamento Psicológico e Educação que teve como assistente pedagógica à simpática e elegante professora Liliana

Guimarães Pompêo de Camargo. Nestes encontros recordamos os problemas da Psicologia Genética segundo Jean Piaget, o que reforçou novamente a necessidade de dar a criança dentro da escola oportunidades de agir sobre os objetos do conhecimento. Ficou claro para mim que é tarefa do professor não ser apenas um transmissor do conhecimento à criança, mas sim um agente facilitador e desafiador de seu processo de elaboração; a criança é que constrói seu próprio conhecimento.

Esta disciplina também possibilitou vários questionamentos sobre a importância da psicologia na nossa formação como professores. Enfatizou a necessidade de pensarmos a Educação e a Psicologia vinculadas aos problemas vividos pela sociedade.

A Psicologia permite aos futuros professores uma ampliação de suas potencialidades de intervir na educação, pois favorece a interlocução entre teorias e prática. Este pensamento ficou muito claro durante estes encontros.

Fizeram parte do programa desta disciplina, Vygotsky, Skinner, Freud, Wallon que reforçaram a compreensão que a psicologia pode nos ajudar a realizar um bom trabalho pedagógico valorizando não apenas os aspectos cognitivos, mas também dando ênfase aos aspectos afetivos tanto no desenvolvimento da criança como na aprendizagem.

Também fez parte do currículo deste semestre a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Arte ministrada pela AP Marilda Rezende Cardoso.

Foram encontros muito prazerosos, dinâmicos, trabalhamos sempre em grupo realizando dramatizações, representações musicais, utilizando os instrumentos de uma bandinha, formulamos paródias, posso até reproduzir uma delas que realizei juntamente com as minhas colegas do grupo:

“Era uma escola muito sem graça,
não tinha arte, não tinha nada,
ninguém podia pintar nela não,
porque pra arte era sempre não,
ninguém podia fazer colagem,
porque na escola isso era bobagem,

ninguém podia criar ali
que a diretora tinha um “PITI”

mas com a Marilda a aula é animada,
porque a arte é valorizada”.
(Paródia da música: A Casa, música de toquinho,
poesia de Vinícius de Moraes, realizada no grupo
de estudo em sala de aula na disciplina Teoria
Produção em Arte).

Esta disciplina fez uma abordagem sociológica permitindo que se esclareça que o ensino das Artes deve servir às causas sociais e a formação de valores, atitudes e hábitos.

Devemos ensinar Arte para desenvolver a criatividade, a autonomia, a auto-estima, o centro estético e as habilidades específicas da área artística, expressar melhor idéias e sentimentos.

Percebi que eu como professora só farei diferença quando despertar o interesse do meu aluno e graças a esta disciplina pude melhorar a minha prática nesse sentido, pois esta ampliou a minha visão sobre as artes, revelou talentos, diversificou as aulas, fortaleceu o grupo e me deu uma grande segurança para trabalhar Artes na escola.

Desenvolvi com a minha turma da pré-escola, um projeto de teatro que me surpreendeu muito. Os alunos se mostraram criativos, entusiasmados, contrariando a minha antiga visão deste tipo de atividade para as crianças nesta faixa etária.

Não percebi nenhuma reação negativa às atividades propostas, pelo contrário, a dramatização permitiu que alguns alunos mais tímidos interagissem melhor com o grupo.

Ao final deste ano letivo, no dia 14 de Novembro, como encerramento deste semestre foi realizado apresentações de artistas pertencentes a algumas cidades deste pólo de Vinhedo. Esta apresentação iniciou-se com o artista de Indaiatuba, o músico Manoel do Trompete.

Manoel contou com uma participação especial em sua apresentação, o também músico de Itatiba, Felipe, que se apresentou no teclado. Foi muito gratificante. Estas apresentações aconteceram no auditório do CEPROVI, durante as apresentações em um canto do auditório o cartunista itatibense, Cleverton Clayton, fazia as caricaturas de várias pessoas presentes.

Foi a vez então do dançarino Marcos de Vinhedo que trabalha com dança há 18 anos se apresentar, enfocando muito bem a expressão corporal.

Também fizeram parte deste encontro várias transparências de artistas de Itatiba e suas obras tais como o pintor Pedro Gava, os doutores da alegria, o coral das crianças de algumas EMEFs. Pudemos observar a preocupação da minha cidade com a arte.

Este encontro foi finalizado com a apresentação do grupo de Itatiba, Felipe no saxofone, Claudia como vocalista e a participação improvisada e bastante oportuna do músico, Manoel do Trompete. Foi emocionante!

A cantora Claudia falou sobre o improviso, o agrupamento de artistas que nunca trabalharam juntos e que se saíram muito bem nesta apresentação evidenciando que isto é arte. Um outro momento enriquecedor desta noite foi à fala de Cleverton, pois segundo ele, é na escola que muitas vezes começa a morrer o desenhista, pois a criança fica presa e envergonhada tolhendo a sua criatividade se não for bem trabalhada por seu professor morre. Esta fala enfatizou a necessidade de nunca desestimular o aluno, pelo contrario, o professor deve ser sempre o seu incentivador. Sem dúvida foi um encontro inesquecível.

Também fez parte desse terceiro semestre a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em História que teve como assistente pedagógica à professora Mariana Ventura.

Durante estes encontros pude perceber com clareza o significado, a importância, de muitas atividades que eu já trabalho junto com os meus alunos e que embora fizesse parte do meu planejamento, confesso não tinha um olhar mais detalhado para estes conteúdos. Uma dessas atividades, bem trabalhadas pela nossa professora juntamente com as colegas de minha classe trazendo muitas de suas experiências, foi trabalhar desde a Educação Infantil o próprio eu da criança, a sua família, o seu bairro...

As aulas da AP Mariana mostraram o que esta metodologia acarreta o desenvolvimento da formação de um indivíduo situado historicamente, pois permite a reflexão a respeito de sua dimensão cotidiana.

Estas atividades iniciais na pré-escola representam a recuperação da história da família do aluno, é a construção de sua própria história iniciada através do conhecimento do próprio nome, do reconhecimento das relações familiares e da sua posição no grupo familiar. A construção do passado se dá no momento em que a criança tem a percepção do seu próprio eu e tenha iniciado a construção da sua própria identidade.

Uma das aulas magnas desta disciplina foi muito oportuna, pois neste encontro, percebi que quando fazemos a recuperação do passado, o fato ocorrido não muda, o que muda é a maneira de contar o fato, ou seja: Na história, o passado não existe, é um passado construído.

Todos os conhecimentos oferecidos durante o semestre foram de grande valia para o meu desenvolvimento profissional, percebi que estava no caminho certo e isso me tornou mais confiante para realizar um trabalho ainda melhor, visto que agora eu tinha conhecimento através das teorias, das reflexões realizadas, a importância destas práticas no ensino de história.

Infelizmente, para nós da Educação Infantil não são oferecidos cursos frequentes de história, geografia e ciências. Limitam-se sempre esses cursos aos assuntos alfabetização, conhecimento lógico matemático, educação física e deixam-se de lado muitas teorias que são importantes para o nosso crescimento profissional.

Ao finalizar mais um semestre desse curso sentia que estava mais confiante e muito animada, o cansaço já não era tão presente, estava cada vez mais convencida do quanto, mesmo uma professora com a minha experiência em sala de aula, tenho a aprender. Percebia também como estes conhecimentos que me foram oferecidos ao longo deste curso estavam interferindo de maneira eficiente no meu olhar para a minha prática, isto realmente fazia todo

aquele sacrificio valer a pena. Nós como educadores, precisamos escrever para tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender.

3.4- 4º Semestre

Iniciamos o quarto semestre no dia três de Março de 2004 e pudemos contar mais uma vez com a professora Lazara Eliana Petroni de Assis, nossa professora de Sociologia no segundo semestre que voltava agora como a assistente pedagógica da disciplina Política Educacional e Reformas Educativas.

Esta disciplina teve como principal foco a política educacional no âmbito das políticas sociais. Durante os encontros foram analisados conceitos como Estado Liberal e Estado Neoliberal. Também foram constantes as reflexões sobre estes conceitos em relação ao modo como intervem no campo educacional, formulando e implementando políticas na tentativa de regular e controlar a vida social.

Foram enfocadas algumas das reformas educativas destacando-se questões relacionadas à centralização/descentralização do sistema de ensino, financiamento e formação de professores.

Com tantas teorias, novos conhecimentos, reflexões críticas possibilitadas por estes encontros comecei a perceber uma evolução na minha percepção sobre as relações Estado, Educação e Sociedade. Através desta disciplina pude compreender melhor o sentido ideológico das reformas educativas ao longo dos anos. Ficou mais claro a presença dos interesses por trás de todas as mudanças ocorridas.

Uma proposta de trabalho ao longo desta disciplina foi muito significativa para mim. Para o final do semestre a professora Eliana solicitou um trabalho a ser realizado pelos grupos

da minha turma. Este trabalho compreendia a elaboração de um artigo sobre os seguintes temas: Formação de Professores, Sistema de Avaliação e Municipalização do ensino.

Coube ao meu grupo escrever sobre a certificação dos professores. Aproveito aqui para agradecer mais uma vez a colega Maria Porfiria Grilo Scanferlla, dona de uma vasta biblioteca e que sempre colaborou com as nossas pesquisas, não havendo durante todo este curso um único livro, jornal de época, revistas ou qualquer outro material que necessitamos para o nosso embasamento teórico que ela não possuísse.

Este trabalho de pesquisa fortaleceu ainda mais esta disciplina, pois através das leituras e das reflexões que se fizeram necessárias para a sua realização tornou-se ainda mais claro para mim a minha dura realidade como uma profissional da educação.

Concluí ao final destes estudos que o Exame de Certificação dos Professores, não passa de mais uma farsa e que pode servir para que se crie um “bode expiatório”, colocando a competência do trabalho docente como o único indicativo de avaliação e ocultando todas as outras e mais graves mazelas que prejudicam a qualidade do ensino. É sobre a desmoralização dos docentes, com todos os reflexos que isto pode ter na sociedade brasileira que o MEC pretende aparentar eficácia e controle.

O professor procura sustentação para continuar em seu objetivo. Ser professor é o mais impossível e o mais necessário de todos os ofícios. Ser professor implica um corpo-a-corpo permanente com a vida dos outros e com a própria vida. Implica um esforço diário de reflexão e de partilha. Ninguém é professor sozinho, isolado. A formação exige partilha. A atividade docente necessita de dispositivos de acompanhamento.

Os professores estão na mira de todos os discursos. São o alvo mais fácil de abater. No passado, construíram uma imagem social respeitada: eles detinham as chaves da mobilidade social e o prestígio do saber. Hoje, há meios mais eficazes de promoção na sociedade, e o

saber expandiu-se um pouco por toda à parte. Os professores ressentiram-se dessa dupla perda e tem dificuldade em reconstruir uma nova identidade profissional.

Nas ultimas três décadas ocorreram profundas mudanças na escola brasileira, nas condições de vida e de trabalho do professor, bem como nas relações Escola-Sociedade. Surgiram muitos dilemas, um deles relativo a própria identidade: Ser ou não ser professor? Continuar no magistério ou buscar outra profissão?

De um lado, o professor pondera seu gosto pelo magistério, a alegria que encontra no exercício da função, os anos dedicados à profissão, bem como a remuneração daí advinda que, de alguma forma, garante-lhe a sobrevivência. De outro, no entanto, emerge um conjunto de fatores desestimuladores: a falta de reconhecimento do seu trabalho por parte dos dirigentes dos Sistemas de Educação, dos pais dos alunos, da sobrecarga de trabalho, as exigências crescentes frente a condições mínimas que não são garantidas; a falta de clareza no seu papel. É urgente a formulação de políticas públicas de valorização efetiva da educação escolar e dos seus profissionais. O desmonte pelo qual o professor passou deixou marcas profundas sejam em termos de âmbito para o trabalho, em sua relação à formação de pensar ou à sua postura diante do mundo.

Tenho consciência de que o que nos desgasta não é só a carga de trabalho, mas sobretudo a falta de sentido, a falta de retorno do mesmo. Nesta medida, a partir de uma tomada de posição precisamos capacitar-nos para enfrentar os desafios da realidade. Devemos lutar por nossos ideais de professor, cobrar das entidades representativas de nossa profissão, a busca por melhores condições de trabalho e dignidade, mas acima de tudo, devemos partilhar a crença de que através da coragem e da busca da competência, o professor pode enfrentar os dilemas profissionais, descobrir espaços de autonomia relativa e exercer de forma mais plena sua tão relevante tarefa social.

Ainda neste semestre, pude contar mais uma vez com uma ex-diretora de minha escola, a professora Elaine Barreto de Lima, pois esta foi a Assistente Pedagógica da disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Geografia.

Elaine participou da minha insegurança, do meu receio em reiniciar os estudos, ela além de minha diretora também é uma amiga e sempre pude contar com o seu apoio, seus conselhos me foram de grande valia; agradeço a ela também esta minha conquista,

Assim como as demais disciplinas, esta também deixou sua contribuição para o meu fortalecimento profissional. Vejo com outros olhos o estudo do meio com meus alunos. Ciente da insatisfação com o ensino somente conceitual, informativo, instrumental e baseado nas teorias que muitas vezes nortearam a minha prática, procuro agora novas formas de desenvolver este estudo estimulando a curiosidade e fornecendo elementos para um estudo crítico e reflexivo, pois de acordo com as novas propostas pedagógicas apresentadas durante os nossos encontros, o trabalho em Geografia visa ampliar as capacidades dos alunos, desenvolvendo a autonomia, a compreensão da realidade, incentivando a participação e a co-responsabilidade na construção e transformação do espaço.

Tenho que abandonar a idéia do aluno como o receptáculo de conteúdos que em pouco tempo serão esquecidos. Ele não precisa guardar grande quantidade de informações, porém deve ser capaz de buscá-las quando for necessário e de ampliar o que aprendeu no seu dia-a-dia.

O papel da escola na atualidade deve ser o de oferecer ao educando ferramentas que permitam dominar a vida e compreender o mundo, e o trabalho de Geografia deve ser encaminhado de forma que o aluno seja capaz de desenvolver diversas habilidades tais como: observar, conhecer, explicar, comparar, representar as características do lugar em que vive e de diferentes paisagens e os espaços geográficos; a percepção e a leitura do espaço construído pelo homem.

A exploração do espaço ocorre a partir do nascimento, por meio das experiências que a criança realiza em seu entorno. Em sua memória corporal são registrados os referenciais dos lados e das partes do corpo, os quais servirão para os referenciais espaciais.

Nesse processo de conscientização do espaço ocupado pelo próprio corpo há dois aspectos essenciais: o esquema corporal e a lateralidade.

O esquema corporal é a base cognitiva sobre a qual se delinea a exploração do espaço que depende tanto das funções motoras quanto da percepção do espaço imediato.

O espaço é para a criança um mundo quase impenetrável. Sua conquista ocorre aos poucos, à medida que for atingindo alterações quantitativas de sua percepção espacial e uma conseqüente transformação qualitativa em sua concepção de espaço.

A análise do espaço deve ser iniciada primeiramente com o corpo, em seguida apenas com os olhos e finalmente com a mente.

A partir do cinco até o sete anos, a criança toma gradativamente consciência do seu corpo com suas partes, identificando-as. E, durante este período, surge, lentamente, a possibilidade de transferir para os objetos e outras pessoas o que já havia comprovado em si mesma.

Partindo destas premissas, é que procurei mesmo com as crianças da Educação Infantil, possibilitar ao meu aluno a construção de organização espacial, propondo o reconhecimento do lugar com o espaço geográfico e resultado do cruzamento de forças (naturais e sociais).

Através do estudo do meio, é que se busca o entendimento sobre determinado lugar. Organiza-se as atividades de acordo com o nível de escolaridade, procurando adaptá-las às necessidades de cada grupo.

O intuito maior de desenvolver este trabalho é levar aos alunos à condição de produzir conhecimento sobre o lugar em estudo e concomitantemente refletir sobre os limites e tensões desses conhecimentos por eles produzidos.

Fiquei muito feliz ao tomar conhecimento que finalmente neste semestre iríamos contar com uma disciplina voltada para a Educação Infantil, esta disciplina foi: Educação da Criança de zero a seis anos que contou com a professora de Educação Infantil Luciana Basseto como assistente pedagógica. Que professora doce e simpática! Felizmente, ela também retornou no semestre seguinte, responsável por outra disciplina que também me foi de grande valia.

Durante os encontros com a professora Luciana neste quarto semestre pude conhecer melhor a história das crianças, sua posição desde a sociedade medieval; em que os sentimentos da infância não existiam. A convivência da criança com sua família era breve, visto que logo após a criança conseguir viver sem os cuidados da mãe ou de sua ama, ingressava na sociedade dos adultos e se distinguia deste apenas pelo seu tamanho e força.

A partir do final do século XVI, principalmente entre as camadas superiores desta sociedade, a criança por ingenuidade e graça tornou-se uma fonte de distração para os adultos e este novo sentimento foi chamado de paparicação. Sobre a paparicação tomei conhecimento que este sentimento passou com o tempo a ser privilégio das crianças mais favorecidas e tornou-se alvo de muitas críticas, principalmente no século XVII. Os moralistas, assim como os protestantes da época mostraram-se preocupados com a disciplina, e a racionalidade dos costumes existentes neste período de paparicação e a partir daí surgiu novo sentimento em que a sua particularidade não se expressava mais através das distrações e das brincadeiras com as crianças, mas através do interesse psicológico e da sua formação moral. Neste período a preocupação era fazer das crianças pessoas honradas, educadas, adultos racionais e trabalhadores. Não seriam mais vistos como brinquedos e sim como criaturas frágeis de Deus, e que precisavam ser preservadas e disciplinadas.

No século XVIII, entre as famílias notou-se também a preocupação com a higiene e saúde física das crianças. A criança e a família assumiam um lugar central, pois passava a representar o futuro da sociedade industrial.

Percebe-se aí claramente os interesses que estavam por trás destas “preocupações” com as crianças.

Também foram estudados os conceitos de família: monoparental, nuclear, conjugabilidade não coabitada e família ampliada. Após estes estudos o que pude concluir é que nós professores devemos trabalhar com as crianças sem discriminá-las pelo tipo de família que têm. A nossa missão não é questionar a forma de ser de uma família ou de outra, e sim cuidar para que não haja discriminações, preconceitos. A criança tem que ser respeitada por sua individualidade. A educação é uma forma de mostrar cuidados com a criança.

A situação da criança pós-moderna, ou seja, dos nossos alunos de hoje também foi alvo de estudos e reflexões ao longo destes encontros.

A infância pós-moderna tem como características a criança ficar em casa sozinha ou aos cuidados de crianças mais velhas, e em companhia da mídia sofrendo as influências da mesma; a vida sexual inicia-se precocemente; começa o stress escolar pelo fato de muitas trabalharem em casa ou terem o dia preenchido com atividades fora do horário escolar (ballet, computação, inglês); a tecnologia acessível permite que a criança adquira conhecimentos superiores ao dos adultos. Assim, acabamos por ter crianças desatentas, os pais perdendo o controle dos filhos(não estabelecendo limites), e culmina com uma série de problemas emocionais (agressividade, desinteresse entre outros) que acometem as crianças (bem, não era para menos!).

As escolas tentam refazer seus currículos arcaicos para dar conta de tantas mudanças. Os profissionais não estão preparados para lidar com esta nova infância e não levam em conta o relacionamento ambivalente entre adulto e criança.

É necessário que se tome consciência da necessidade de buscar o verdadeiro significado da infância e nisto estou consciente de que como professora de Educação Infantil posso fazer a diferença, percebendo este verdadeiro sentido da infância, respeitando esta fase única na vida do ser humano. É nesta fase que a criança vai vivenciar e experimentar “o mundo”, o ambiente em que está inserida. Vai construir relações com seus pares: criança-criança, criança-adulto. E esta construção acontece de maneira lúdica através dos jogos, brincadeiras, e do jogo simbólico.

Compreendo que a infância é o viver as inúmeras linguagens da criança, deixá-la molhar-se, secar-se, subir na árvore, descer, criar, experimentar, expressar seus sentimentos, ter prazer... Enfim ser feliz.

Um outro tema em discussão durante este semestre foi o mito do amor materno. Através de várias leituras constatamos a crítica a este amor inato a mulher pelo seu filho, ou seja, o fato do amor materno ser inerente á condição humana natural, defendeu -se a idéia de que tal amor fosse mesmo natural às mulheres, estas sempre cuidariam de seus filhos da mesma maneira (cuidados maternos), mas isto não acontecia no passado distante, pois as crianças não estavam no cotidiano dos adultos.

Constatamos que no contexto europeu o amor materno não era inato e sim adquirido pela convivência. Nas mães que delegavam a criação de seus filhos, as amas de leite, até mais ou menos cinco anos não existia esse amor pelo filho, pois não havia a convivência mãe e filho.

Este tema foi alvo de muitas discussões entre as colegas da classe, pois o que se vê hoje em dia é o fato de que historicamente está muito enraizada em nós esta questão de priorizar a educação para as mulheres.

Pelo menos 60% dos professores de Educação Infantil no Brasil não tem sequer diploma de magistério e são mulheres, isto reforça que é dada a mulher naturalmente a

responsabilidade pela educação de uma criança. Além deste fato, muitas de nós consideramos que as mulheres são mais cautelosas, mais amorosas do que os homens quando se trata dos cuidados com os filhos.

Um fato que veio a esquentar ainda mais esta problemática em torno do mito do amor materno, foi à fala da nossa professora Luciana admitindo que passou a ver com outros olhos esta questão logo após saber que estava grávida (isto ocorreu no semestre seguinte), pois modificou o seu horário de trabalho, fez alterações em seu dia-a-dia, tudo em função do filho que ela ainda não conhece, mas que já estava colocando em primeiro lugar em sua vida.

O assunto é complexo e até o final do curso não entramos em um consenso, pois ainda havia opiniões difusas. Seria o amor materno um mito ou não?

Também fez parte deste quarto semestre a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Ciências. Minha conterrânea Mariana Ventura esteve mais uma vez como Assistente Pedagógica.

Por falar em Mariana Ventura, ao final do ano, mais precisamente no dia 16 de Dezembro de 2004, foi o seu casamento e eu, a Regina Paula, Margareth (uma das minhas melhores amigas, dona de um lindo sorriso e de uma alegria permanente), Regina Novelli, Roselaine e Maria do Carmo, todas colegas de classe, pudemos vivenciar este momento tão importante na vida de nossa querida professora deste curso. Mariana estava muito bonita de noiva. Uma frase que se tornou constante em nossos encontros dentro do CEPROVI “meninas, vamos agora para o roteiro da aula de hoje” e que ela fazia questão de cumpri-lo a risca, foi alvo de brincadeiras. Logo após a cerimônia a Regina Paula perguntou se Mariana já havia feito o roteiro do casamento, foi muito engraçado, pois obtivemos como resposta “*meninas, vocês vieram ao meu casamento e por isso irei dar-lhes nota 10 no Memorial*”. Que figura essa Mariana!

Os encontros desta disciplina foram recheados de teorias, aliados a troca de experiências de todas nós, professoras-alunas da classe.

Esta disciplina abordou muito bem a questão da ciência como atividade humana. Firmou com muita clareza a posição dos cientistas como profissional igual a qualquer outro e que representa a parte viva da ciência. Abordou também a existência de vários perfis de cientistas, pois estes adotam diferentes métodos e atitudes em seu trabalho, sendo que todos têm em comum a exatidão na definição de seu problema e na coleta e na interpretação de seus dados.

A ciência nada mais é que o senso comum refinado e disciplinado, portanto o cientista é um indivíduo dotado de um refinamento do senso comum legado a todos nós. Tal profissional é um especialista e representa soluções, mas o que também foi muito bem abordado durante este semestre é que tal fato pode também representar um perigo freqüente; visto que toda a especialização em uma única área pode representar a ignorância do todo.

Para se fazer ciência é necessário que haja um pensamento, uma percepção de que uma ação foi interrompida gerando um problema a ser resolvido. Quem não é capaz de perceber e formular problemas com clareza, não pode fazer ciência.

Na velocidade frenética das invenções do nosso presente, solucionam-se e criam-se novos problemas concomitantemente; vacinas e drogas alteram a expectativa de todos nós. As descobertas científicas fazem parte do momento histórico, do jogo do poder, agindo no relacionamento humano. Também é evidente a questão de degradação ambiental e a outras formas de vida. Diante de tudo isso, o professor não pode insinuar uma ciência dissociada da sociedade; pois isto impede que o aluno construa o próprio conhecimento. Não se pode separar a escola, da vida, é necessário englobar a educação ambiental à realidade do aluno.

Nós como professores precisamos realizar mudanças no ensino de ciências, fornecendo ferramentas essenciais para levar nossos alunos a compreenderem melhor o mundo em que vivem.

A transformação do ensino de ciências está em nossas mãos, portanto é preciso desenvolver a imagem realística e crítica das ciências, dando ênfase ambiental que deve ser o grande tema gerador, observando o mundo em constante transformação, fazendo a interdisciplinaridade entre as diversas áreas da ciência partindo sempre da realidade dos alunos e aliando teoria à prática. *“O mundo deve ser tratado como algo em total e permanente transformação, em que suas partes se encontram em interação nas diversas escalas de espaço e tempo, constituindo um todo integrado e um equilíbrio dinâmico possível de ruptura”* (AMARAL, Ivan A. do. 1998, p. 204).

O professor precisa ter domínio pleno sobre as suas idéias, identificar-se com elas, ter clareza do tipo de cidadania e de sociedade que vai formar. Nesse trabalho o livro didático tem um papel muito importante, cabendo ao professor escolher o mais adequado a realidade.

É muito importante que se faça relações com conteúdo e metodologia de ensino. Precisamos também ter cuidado ao determinar que tipo de recursos didáticos devem ser utilizados durante o processo de ensino – aprendizagem (jornais, livros, revistas, vídeos, informática, gravuras, fotos, amostra de materiais, entre outros), procurando incluir neste processo tudo que tiver possibilidade de utilização.

Nós como professores precisamos ter uma estratégia metodológica que auxilie a nossa técnica de ensino.

Durante estes encontros com a professora Mariana, tivemos contato com diferentes estratégias metodológicas: experimentação e estudo do meio percebemos as diferenças existentes entre ambos, pois o estudo do meio é a teoria, é o natural e através dele é possível conhecer a si mesmo e ao meio em que se está inserido, quer seja permanente ou momentaneamente e a partir deste estudo do meio, desenvolvermos a consciência política e ecologicamente correta dos cidadãos de amanhã; sendo assim há uma relação fundamental entre o estudo do meio e a educação ambiental; já a experimentação é a utilização de artifícios

para se chegar a uma conclusão final. Também percebemos que dentro do estudo do meio pode haver várias experimentações, aliás, é justamente o papel da experimentação: contribuir em conjunto com outras estratégias metodológicas, para o desenvolvimento do pensamento científico.

Outras estratégias metodológicas também estiveram presentes nesta disciplina: os jogos, as brincadeiras e as simulações, além é claro de muita leitura e reflexões.

Enfatizo mais uma vez a necessidade de o professor ter sua estratégia metodológica bem definida e para isso é preciso se aperfeiçoar, se atualizar, investir na qualidade de seu trabalho como educador. Tenho consciência de que isso não é tarefa fácil, pois representa um desafio tirar um professor da condição de excluído dos processos de inovações educacionais.

A formação continuada é fundamental para nós professores, já que é evidente a necessidade das teorias assim como da prática para que se ocorra às transformações fundamentais para o aperfeiçoamento pessoal e por consequência da maneira de educar visando um ensino de qualidade.

O PROESF foi sem dúvida uma maneira eficiente de agrupar as teorias dos estudiosos à dedicação das APs deste curso e a nossa prática como professores da Educação Fundamental e Infantil. Estou certa de que a minha concepção do Ensino de Ciências, assim como a minha metodologia, voltada agora para o meu aluno, respeitando –o como um ser que è capaz de refletir, de argumentar, produzir o seu conhecimento e se posicionar perante este, teve um ganho considerável. *“Se o professor conheceu as alternativas existentes para a educação, alcançará mais facilmente o sucesso”*(AMARAL, Ivan A. do. 1998, p. 230).

Mais um ano se passou e agora já estava na reta final, faltavam apenas dois semestres e finalmente o tão sonhado diploma de Pedagogia seria conquistado.

3.5- 5º Semestre

No início do quinto semestre, no final de mais um encontro lá estávamos rumo a Itatiba, eu e as minhas colegas da topic do Seu Alcides. Naquela noite, ninguém havia faltado à aula e a uma certa altura do caminho, um morcego entrou pela janela da topic que estava aberta devido ao forte calor, foi uma experiência muito marcante para mim e para todas as minhas colegas.

Pedimos para Seu Acides parar o carro, mas não havia acostamento na estrada e somente após alguns quilômetros é que o motorista conseguiu estacionar. Foi ao mesmo tempo terrível e engraçado. Situações engraçadas rechearam as nossas viagens durante todo o curso. Dentro da topic é que tomávamos conhecimento de todas as novidades da Secretaria de Educação de nossa cidade, das últimas fofocas, sempre foram muito engraçadas as nossas idas e vindas à Vinhedo, principalmente as idas, pois ao voltarmos depois de um longo dia de trabalho e a tripla jornada na faculdade, a maioria de nós era derrotada pelo cansaço.

Tempos difíceis, mas que guardarei na memória e sentirei muitas saudades. Estávamos agora no quinto semestre e como já mencionei anteriormente a professora Luciana Basseto esteve à frente de mais uma disciplina, desta vez foi a Assistente Pedagógica de Temas Transversais.

Já havia participado de um outro curso que desenvolveu o mesmo conteúdo sob a orientação do professor Ulisses F. de Araújo, assim como nessa disciplina. Foi muito prazeroso rever as práticas que norteiam o ensino através da transversalidade. Posso até dizer que as teorias vistas neste semestre juntamente com a professora Luciana veio a complementar o conhecimento que eu já havia adquirido anteriormente, proporcionando a instrumentalização para a construção de uma escola de qualidade.

Os encontros reforçaram a importância dos temas transversais, seu verdadeiro significado e como deve ser a relação entre os conteúdos tradicionais e os transversais.

Ficou claro que tais temas: Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Trabalho e Consumo e Orientação Sexual; são os eixos do currículo e perpassam pelos conteúdos tradicionais, visando à formação ética do indivíduo. Formação esta tão necessária na nossa atual sociedade.

Também foi bem trabalhada a maneira como devemos agir para alcançarmos esta formação ética, considerando os temas cotidianos e os saberes populares como ponto de partida e de chegada. Estes temas devem ser relacionados à educação em valores, que tentam responder os problemas sociais, que buscam conectar os conteúdos científicos e culturais com a vida das pessoas.

Estudamos os princípios da pedagogia do projeto, entendendo o projeto como estratégias para a construção dos conhecimentos que não sigam um programa pré-determinado e sim aconteça a partir de uma decisão inicial. A introdução do trabalho com projetos como estratégia pedagógica permite articular os conhecimentos científicos e os saberes populares e cotidianos, propiciando a reflexão do nosso aluno pautada em sua própria curiosidade.

A experiência tem mostrado que vários fatores contribuem para que a prática educacional mantenha uma estrutura tradicional, sem renovação, desestimulando a nós, professores, e extinguindo a chama que nos levou a fazer da educação a nossa escolha profissional.

A finalidade desta disciplina foi resgatar a utopia, oferecendo elementos motivadores para o empreendimento das mudanças necessárias. Seu objetivo foi criar situações de trabalho em que a prática interdisciplinar se apresente como possibilidade de construção de conhecimentos e viabilidade de solução para os problemas vivenciados no presente. Pretendeu a partir da compreensão do processo que levou a fragmentação do ser e do seu conhecimento, adquirir uma nova percepção da realidade vivida.

A metodologia da professora Luciana envolveu, portanto teoria e prática, entendendo-as como indissociáveis por isso mesmo, a professora e nós alunas numa relação dialógica buscamos, num esforço conjunto, alternativas para as problemáticas vivenciadas no espaço escolar. Os encontros contaram com o apoio de recursos áudios-visuais, a troca de experiências e a companhia prazerosa da doce futura mamãe, Luciana Basseto.

Também foi alvo de estudos neste semestre, assim como no semestre anterior, os estudos sobre a Educação Infantil. Isto se deu através da disciplina Pedagogia da Educação infantil, que teve como Assistente Pedagógica à professora Beatriz Angélica Alcântara Cardoso sendo orientada por Ana Lucia Goulart de Faria.

Tirei muito proveito destes encontros. Esta disciplina além de ter como objetivo, entender como as crianças produzem conhecimento, deu ênfase ao trabalho realizado nas creches. Contou um pouco de sua história, surgindo como um modelo de Educação Infantil, cuja função era tão somente substituir os cuidados maternos, pois esta seria a melhor forma de educar as crianças. Não havia o interesse, a necessidade de conhecimento ou de preparação específica para o desempenho da função de educador das crianças menores.

A preocupação existente era possibilitar às crianças, creches providas de espaços amplos, limpos, adequadamente mobiliados, alimentação adequada e cuidados médicos. Hoje, felizmente sabemos que tais requisitos por si só não são suficientes enquanto parâmetro para a educação a ser oferecida às crianças. Reforço mais uma vez que quanto menor a criança, mais ela precisa de um especialista.

Visitamos o CEU, (Centro de Estudos que atende as crianças da periferia, criado no Governo Marta Suplicy) em São Paulo e observamos a preocupação com a educação das crianças.

Através de várias transparências e filmes tivemos contato com vários modelos de creche e em nosso trabalho final de pesquisa, pudemos conhecer vários espaços físicos destas

instituições e a atuação dos docentes dentro destes espaços. Percebemos a importância destas instituições e a necessidade de se estabelecer critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças: direito às brincadeiras, a atenção individual, ao contato com a natureza, a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa entre outros.

Nunca trabalhei em creche, não conhecia nada sobre o seu funcionamento, sua realidade e esta disciplina foi muito importante para mim, pois possibilitou o contato com esta realidade que embora faça parte da Educação Infantil, se difere das EMEIs.

Um assunto que eu sempre considerei delicado em sala de aula é a sexualidade. Mesmo com muitos anos de magistério, me sentia insegura diante de algumas dúvidas das crianças. Nunca soube responder com desembaraço e clareza algumas interrogações dos meus alunos: de onde vem os bebês? Como eles saem da barriga da sua mãe?

Alguns encontros ocorridos durante este penúltimo semestre foram muito importantes para que eu encontrasse respostas para estas minhas dúvidas. Sob a orientação da professora Ana Maria Faccioli de Camargo e tendo como Assistente Pedagógica à professora Marilac Luzia de Souza Leite Souza Nogueira, a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Saúde e Sexualidade, através de teorias, práticas vivenciadas e discutidas dentro dos grupos de estudos e muita reflexão crítica, muitas dúvidas ficaram amenizadas. As dinâmicas ali apresentadas vieram a sensibilizar-me para a necessidade de se discutir a sexualidade como elemento constitutivo da pessoa humana. Contribuiu para a análise de questões relativas à sexualidade de crianças, de adolescentes e de adultos e do processo de sua própria educação sexual.

Percebo agora que é preciso unir a teoria à prática, os conceitos à vida. As crianças são sábias e capazes de entender o assunto, se este for tratado com naturalidade. Tanto na Educação Infantil como nas séries iniciais do Ensino fundamental, a Educação Sexual faz parte do desenvolvimento integral das crianças e acontece nas relações que estabelecemos

com elas, nas perguntas que fazemos, na percepção do próprio corpo e do corpo de seus pares, e na descoberta de prazeres,

[...] sem descaracterizar a importância da Educação Sexual para as crianças, adolescentes e jovens, pensar nesta educação, também para a criança pré-escolar (...) é estar comprometendo-se mais substancialmente com o direito ao prazer com o resgate erótico e com a visão positiva da sexualidade na vida das pessoas”. (Figueiró, 1996, p. 58)

A última disciplina deste quinto semestre contou com a colaboração mais uma vez da professora Lazara Eliana Petroni de Assis. Foi a disciplina Planejamento e Gestão Escolar.

Esses encontros tiveram relevante significado para mim, posso até afirmar que se não bastasse todos os conhecimentos que este curso me proporcionou já teria valido a pena somente por essa disciplina.

Os conflitos, múltiplos interesses e ideologias se fizeram sempre presentes nas abordagens dentro desses encontros, o que possibilitou uma visão clara do verdadeiro papel da Escola na nossa sociedade organizada e do nosso verdadeiro papel de educadoras.

“É preciso uma decisão consciente, muita mística, muita garra, para estabelecer uma Pedagogia de Direito, numa Sociedade de Conflitos, onde só na luta se espera com esperança”. (FREIRE, Paulo. 1993, p. 61.)

Enfatizou-se que a escola é o campo específico da sistematização da instrução, onde ocorre a comunicação do patrimônio cultural que envolve valores e padrões de comportamento para a integração social.

A escola é, portanto, uma instituição social com objetivos a serem atingidos, envolvendo, por isso, uma multiplicidade de tarefas que exigem recursos de materiais variados e recursos humanos qualificados cujas atividades precisam ser planejadas, coordenadas e controladas.

Surge assim, a necessidade da escola como qualquer sistema educacional, ser administrada e para o exercício dessa função administrativa torna-se necessário à figura do administrador, ou seja, do diretor da escola.

Cabe a este diretor proporcionar as condições para que a educação atinja seu propósito, ou seja, a promoção do futuro cidadão. Contudo, este diretor de escola não pode ser considerado apenas como o especialista que vai garantir o bom funcionamento da escola para o alcance do seu propósito.

Ele é, antes de tudo, ao meu ver, o educador que vai exercer juntamente com os demais educadores, a função educativa da escola e, portanto, deve criar com estes educadores as condições para a realização do ato pedagógico.

Analisando os trabalhos teóricos sobre administração escolar no Brasil, apresentados nessa disciplina constatei que: “... *a finalidade do trabalho pedagógico articulado ao processo de trabalho capitalista, é o disciplinamento para a vida social e produtiva*” (KUENZER, Acácia Zeneida. 1985, p. 82.), ou seja, os mesmos princípios administrativos adotados nas empresas, uma vez que as organizações apesar de ter objetivos diferentes, tem estruturas semelhantes, e portanto, podem basear-se na consecução de seus objetivos por procedimentos administrativos semelhantes aos utilizados com êxito nas empresas de outra natureza.

O interesse da administração capitalista em ter gerentes para as empresas é o mesmo do que ter diretor para a escola. Esta instituição tem a mesma função administrativa segundo Fayol, pois é também uma instituição formal e informal.

Os gerentes controlam os trabalhadores através de persuasão fazendo com que haja maior produção em menor tempo e com o menor gasto de energia, conseguindo um trabalho mais eficiente.

A administração capitalista consegue assim o que mais lhe interessa, o lucro. Os gerentes trabalham para atender os interesses do patrão, mas sentem-se detentores do poder, porque usam a sua autoridade para que se cumpram às ordens por ele dadas. O diretor de escola tem autoridade, mas não tem poder. Ele representa o poder do sistema educacional.

A sua autoridade é imposta através da ideologia (ele não pode usar de coerção física), ou seja, impõe suas idéias através de persuasão. Através de leis criadas pelo sistema; ele tem autoridade para garantir que elas sejam cumpridas pelos seus subordinados. Exemplo: tem que ser cumprido o que sai no Diário Oficial, o que o Secretário da Educação determinou e assim por diante.

Esta situação retrata muito bem o modelo da subjetividade do trabalhador, neste caso do diretor de escola. *“O trabalho pedagógico, não deixa de se constituir, no capitalismo em uma de suas formas de expressão”* (Acácia Zeneida. 1.985, p. 82.).

Somente com um plano de gestão baseado nestes princípios é que a escola terá condições de se tornar um espaço que visa o bem comum.

Este profissional, portanto, ainda atua segundo o modelo de organização defendido tanto pelo Fordismo como pelo Taylorismo, pois é passível de controle, de fiscalização e, portanto nada democrático. Direitos básicos dos indivíduos foram subordinados aos interesses econômicos. Esta é uma situação muito cômoda para a classe dominante, mas está longe dos interesses dos dominados.

A escola é uma instituição que tem capacidade para mudar esta situação e concorrer para a transformação social.

Mudar a prática educacional é algo extremamente complexo, mas de uma necessidade urgente, é preciso tomar atitudes que certamente serão criticadas, repreendidas, mas que se não forem tomadas de uma maneira isolada e sim elaboradas através do diálogo, das interrogações, das dúvidas, das sugestões coletivas e executadas em conjunto, com a

participação de toda a equipe escolar, dos alunos e da comunidade envolvida; será a ferramenta que precisamos para criar uma verdadeira escola democrática. *“Dir-se-á que o que cada indivíduo pode modificar é pouco, com relação as suas forças. Isto é verdade apenas até certo ponto, já que o indivíduo pode associar-se com todos os que querem a mesma modificação”* (GRANSCI, A. 1993, p. 40).

Realizar uma gestão participativa no âmbito de escola pública, principalmente da escola de Educação Infantil exige realmente uma ação coletiva, pois o que encontramos na maioria das vezes são escolas desaparelhadas do ponto de vista financeiro, para enfrentar os crescentes desafios que se apresentam e, também uma comunidade não muito preparada para a prática da gestão participativa da escola. Unidos, educadores, escola e comunidade poderão conquistar o ensino público de qualidade, O que parece utopia é, um problema prático para o educador Vitor Henrique Paro, pois vê na gestão democrática da escola, o melhor caminho para que o ensino financiado pelo Estado possa enfim ser chamado de público.

A participação na administração da escola está, pelo menos teoricamente, garantida por meio do funcionamento do Conselho de Escola, cuja forma atual é fruto de uma longa e dura luta política que data do início de 80, com o sentido de dotar a escola de autonomia para poder elaborar e executar o seu projeto educativo...

“A participação da comunidade na gestão da escola pública encontra sem-números de obstáculos para concretizar-se, razão pela qual um dos requisitos básicos e preliminares para aquele que se disponha a promovê-la é estar convencido da relevância e da necessidade dessa participação, de modo a não desistir diante das primeiras dificuldades”. (PARO, Victor, H. 2001, p. 16)

Não sei se por desconhecer sobre as disposições legais e sobre o funcionamento dos Conselhos de Escola, ou pela insegurança e falta de autonomia da gestora, a atuação do Conselho da EMEI onde leciono é precária, pois minha diretora não consegue assumir posições coerentes com a sua visão do que é melhor para a escola. Tem muito receio de contrariar os mandos do sistema.

Assume uma postura de liderança tipo Laissez-faire, ou seja, uma atitude passiva, não manifestando firmeza e sim muito medo de desagradar os “chefes”.

Este receio de tomar atitudes, de fazer cobranças, de se impor perante os problemas existentes é sem dúvida fruto de uma pedagogia que ainda apesar de tantos estudos, reflexões, críticas, continua sendo direcionada pelos interesses do capitalismo, das classes dominantes, pelo regime de acumulação.

O trabalho pedagógico escolar torna-se não escolar, pois ocorre nas relações sociais e produtivas e através delas. Enquanto não for historicamente superada a divisão entre capital e trabalho, o que produz relações sociais e produtivas que têm na finalidade principal a valorização do capital, não há possibilidade de existência de práticas pedagógicas autônomas; apenas contraditórias, cuja direção depende das opções políticas da escola e dos profissionais da educação no processo de materialização do projeto pedagógico.

Após estudar tantas teorias, sempre realizando reflexões críticas principalmente dentro desta disciplina, estou certa de que, sem alimentar uma postura reducionista ou ingênua, que supõe ser possível transformar toda sociedade a partir da escola, ou supõe ser possível eliminar as relações de poder em qualquer instância, isso implica adotar uma atitude vigilante e contínua no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade como o “o natural”; isso exige disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder, continuaremos a fechar os olhos às rupturas do espaço social dentro da educação. Estar no papel no papel à gestão democrática é um grande avanço, mas depende da ação democrática de quem está no poder, ou seja, a direção, a coordenação, a secretaria de educação. Por isso ao meu ver é de fundamental importância à efetivação através de concurso público dos gestores das escolas, para tentar ao menos amenizar toda esta postura de passividade e subordinação.

3.6 – 6º Semestre

Finalmente, chegamos ao último semestre do curso e nestes encontros finais reencontramos as APs que já haviam trabalhado com a minha classe em semestres passados.

A professora Marlene Ghiraldelli estava agora como Assistente Pedagógica da disciplina: Educação Especial. Esta disciplina teve como objetivo caracterizar o desenvolvimento histórico e conceitual da deficiência e da Educação Especial; analisar as implicações sociais e educacionais, assim como caracterizar os diferentes tipos de necessidades educacionais especiais; analisar o papel da escola diante delas e possibilitar reflexões sobre a política de inclusão e analisar as decorrências para a prática pedagógica.

A inclusão, a educação de crianças e adolescentes especiais é um assunto muito complexo.

Estamos vivendo um momento dramático, hoje, os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições mínimas. Mas isto não acontece. A inclusão é um grande desafio. Estamos recebendo estas crianças sem estas condições necessárias para recebê-las, o que ficou bem claro, após as nossas reflexões em sala de aula é que estas condições só serão criadas a partir do surgimento dessas necessidades. As escolas é que devem lutar, gritar para conseguir estas mudanças. Infelizmente a inclusão deveria incluir as famílias também, mas isso também não acontece.

O processo de inclusão requer uma transformação da escola e da sociedade, não só do ponto de vista arquitetônico, organizacional e estrutural, mas principalmente do ponto de vista conceitual (atitudes, valores, crenças, expectativas).

O mundo social no qual vivemos está organizado para os padrões típicos de desenvolvimento. A nossa escola também. Assim, no caso do deficiente (com desenvolvimento atípico), é preciso criar recursos singulares que permitam mobilizar as

forças potenciais e explorar caminhos alternativos de desenvolvimento, o que supõe o uso de recursos especiais.

O aluno deficiente não pode contar apenas com oportunidades diferentes, mas precisa de condições diferenciadas de desenvolvimento e educação para ter acesso aos mesmos direitos de qualquer cidadão.

É necessário educar a criança como um todo e não a deficiência. Não é o déficit (ou patologia) em si que traça o destino da criança, mas o modo como a deficiência é significada, pelas formas de cuidado e educação recebida pelas experiências que lhes são propiciadas.

Essa disciplina deixou claro que a tarefa da Educação Especial é a construção de uma escola capaz de incorporar todas as pessoas e atender as necessidades de todas elas, independentemente da natureza e do grau de diferença que possam apresentar.

Isto seria o ideal, mas não é bem assim que as coisas acontecem. É necessário que haja empenho, cobranças, inquietações para que esta realidade mude; caso contrário continuaremos com a exclusão dentro da inclusão. O descumprimento das leis para os deficientes com que nos deparamos por todos os lugares em nosso dia-a-dia estará também sempre presente dentro de nossas escolas.

Embora já com vasta experiência em sala de aula, nunca trabalhei com crianças portadoras de necessidades especiais, mas sinto que estou mais tranqüila com relação à esta tarefa.

Outra professora que retornou neste último semestre como AP da disciplina Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física, foi Marilda Rezende Cardoso. Muitas reflexões ficaram registradas em minha memória. A Educação Física está presente na escola e deve ser tratada de maneira adequada, seja pelo especialista ou pelo professor da sala de aula. Aprender Educação Física significa vivenciar, conhecer, estudar, compreender, confrontar, interpretar, compartilhar, aprender as inúmeras linguagens da cultura corporal para

com base nesse aprendizado, buscar novos significados e criar novas possibilidades de expressão corporal e de maneira nenhuma deve ter seu maior conteúdo pautado na competição para poucos e na anulação para muitos.

Minha escola, não possui quadra, pátio coberto e sempre isto foi desculpas para não realizar as aulas de educação física adequadamente, hoje vejo o quanto eu estava errada, pois aprendi o verdadeiro significado desta disciplina e o quanto ela é necessária para a boa formação dos meus alunos.

A terceira disciplina deste semestre foi Educação não Formal que teve a professora itatibense Silvia Bez Soares de Camargo como Assistente Pedagógica.

Muitas foram as dúvidas de todas nós. O que seria esta tal de Educação não Formal?

Sabíamos que a Educação Informal é a que acontece em nosso cotidiano naturalmente através das gerações, do senso comum, enfim da própria vida, conhecíamos também sobre a Educação Formal que acontece na escola com intencionalidade, conteúdo planejado, com a valorização do conhecimento científico, currículo e outras coisas das quais nós professoras fazemos parte. Mas e a tal Educação não Formal?

As aulas com a AP Silvia mostraram o verdadeiro significado e importância desta recente Educação não Formal, que tem como objetivo a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Tal educação tem uma visão diferenciada da formal. É o coletivo, é a solidariedade colocada em foco. A sua primeira necessidade é a socialização, o voluntariado, o sentir no dever de fazer algo para que a situação presente tome outros rumos. Não se destaca a competitividade, as avaliações enfocando os melhores e os piores. Favorece a participação dos membros do grupo de forma descentralizada. A Educação não Formal evita formalidades, ela visa o desenvolvimento social.

O próprio sistema social e econômico, a desigualdade social faz com que o público alvo desta educação seja a camada pobre da nossa sociedade.

O desemprego estimula os cursos de panificação, costureira, informática, pintura e muitos outros que fazem a educação não formal.

Também fazem parte desta educação, as ONGs (Organizações não Governamentais), centros comunitários, igrejas, sindicatos, cooperativas e pode até contar com a participação das empresas: terceiro-setor (um exemplo é o projeto Casa-Nívea, desenvolvido pela Indústria de Cosméticos Nívea envolvendo a reciclagem o qual a minha escola participou e trouxe valorosas contribuições para a nossa clientela escolar). A educação não formal surgiu para dividir e partilhar os diferentes fazeres com a educação formal e a informal. Surgiu também porque a escola formal não acompanhou o desenvolvimento do mercado (SENAI é um exemplo a ser citado). A própria família delega a sua função, o seu papel na educação informal de seus filhos as instituições (balet, inglês, informática etc.) A educação não formal ajuda a resolver o problema principalmente da periferia, com oficinas de artes e esportes.

O papel do educador na proposta de educação não formal também permeou esta disciplina. É necessário ter postura e sensibilidade para captar os anseios e os conhecimentos que as crianças, jovens, adultos e idosos transmitem através de suas histórias de vida. Garantir a construção de um vínculo afetivo entre as partes que participam desta proposta, visando a elaboração de práticas significativas para a população envolvida.

Enfim, através da Educação não Formal busca-se a valorização e a auto-estima da população com a qual se trabalha, fornecendo uma pluralidade de possibilidades de comunicação, abrindo-se “canais” para a expansão e a explicitação de sentimentos, emoções e desejos.

Visitei uma destas propostas de Educação não Formal de minha cidade, a Casa do Pão situada num bairro da periferia e desenvolvida em parceria com um Centro Espírita. Foi uma experiência inovadora para mim, pude constatar muitas das falas da professora Silvia e

perceber ainda melhor o significado e a importância desta educação nas vidas destas pessoas menos favorecidas.

A última disciplina deste final de curso foi Currículo e Escola ministrada pela nossa também AP no 1º semestre, professora Angela Ghiraldelli.

Os encontros com a professora Angela possibilitaram o reconhecimento e a análise das determinações histórica, cultural, epistemológica, social e dialógica do currículo, permitindo assim um posicionamento pessoal crítico frente as diferentes concepções de currículos apresentados: Humanístico, Acadêmico, Tecnológico, Reconstrucionista e Currículo na Pós-Modernidade. Os seminários realizados pelos grupos no decorrer do semestre possibilitaram o contato com os autores mais clássicos da área da educação e pelos relatos realizados de suas obras, desenvolver uma reflexão crítica sobre a educação atual.

4- CONCLUSÃO

O semestre já está terminando basta só uma piscadinha para chegar o final do curso. Formatura, colação de grau, quanta coisa a ser providenciada!

È grande o desejo de estar presente numa formatura e desta vez não apenas como convidada, como espectadora, mas como formanda e dona dos meus próprios pensamentos.

Acredito que a justificativa da nossa existência seja a “evolução”. Creio que participei do curso de Pedagogia para me evoluir como pessoa, como educadora através da oportunidade de viver esta experiência oferecida pelo PROESF.

Talvez a minha participação não seja tão poderosa para interferir no sistema de ensino, mas certamente posso fazer algo junto aos meus amigos, colegas de trabalho e alunos.

Como professora escolhi trabalhar com crianças em fase de desenvolvimento, escolhi esta grande responsabilidade de ser modelo na formação do caráter, da personalidade, da sexualidade, do prazer, do conhecimento e da ética e, portanto tenho o dever de cuidar e de observar minha postura, minha maneira de comunicar, minhas convicções, meus preconceitos, meus tabus. Tenho que me rever, me transformar e isso aconteceu durante este curso

Ser educador é estar atento ao que ocorre de mais íntimo e silencioso na troca de olhares entre professor e aluno, é decodificar o código do sentir, é nunca deixar que a rotina ofusque o brilho deste encontro.

Ao realizar este memorial fui contagiada pela magia de explorar o passado, o prazer de uma infância resgatada. Veio-me à mente o dia em que enfrentei a primeira sala de aula, o friozinho na barriga. As conquistas, as descobertas; as falhas e os acertos ocorridos durante a minha carreira, tudo foi muito enriquecedor.

Hoje, a tecnologia avança dia após dia e muitos deixam passar o presente sem mesmo lembrar, que um dia ele será passado de alguém muito especial na vida de cada um de nós. Felizmente, eu e os meus colegas deste curso do PROESF, tivemos a oportunidade de resgatar nossas memórias.

Se recordar, a infância, a formação no magistério, o início e a evolução da carreira e a formação universitária, teve tamanha significação para mim; certamente isso também acontecerá aqueles que fazem da sua vida um pedacinho do céu. Valorizando os momentos presentes, que em alguns anos será o passado que merecerá ser visto e revisto por educadores que cresceram na certeza da importância da educação na vida de qualquer cidadão.

As melhores lembranças que carregarei desta minha fase escolar, as melhores recordações se relacionam com as teorias, com os conhecimentos repassados dos orientadores, com o jeito doce dos APs, com as suas palavras duras e firmes no momento certo, com as contribuições das colegas de profissão e de classe, com as amizades aqui iniciadas, com a capacidade de doação, com o esforço em superar tantas dificuldades, tanto cansaço por parte de todos nós alunos e professores, enfim, com tudo que proporcionou a minha reconstrução profissional.

São lembranças afetivas, emocionais, sutilezas e delicadezas cotidianas que fizeram toda a diferença. E fazer a diferença neste campo tão bombardeado por burocracias e cansaços, é a verdadeira missão de nós educadores, encantadores de almas, formadores de inteiros, donos de olhares que enfeitiçam como bruxos os corações que nele confiam.

5- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMARAL, I. A. **Currículo de Ciências: das tendências clássicas aos movimentos atuais de renovação.** In: BARRETO, Elba Siqueira de Sá. (ORG.). Os Currículos do Ensino Fundamental para as Escolas Brasileiras. Coleção: Formação de Professores. São Paulo: Autores Associados, 1998, p. 221-232.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A Produção Teórica no Brasil sobre a Educação Sexual.** Cadernos de Pesquisas. São Paulo: Cortez, 1996. P. 50-63- 98.

FREIRE, Madalena e cols. **Observação, Registro e Reflexão. Instrumentos Metodológicos.** São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

GRANSCI, A. **Concepção Dialética de História.** São Paulo: Cortez, 1993.

KUENZER, Acácia Z. **Exclusão Includente e Inclusão Excludente: A nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho.** In: KUENZER Acácia Z. A pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador. São Paulo: Cortez, 1985.

PARO, Victor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** Série: Educação em Ação. São Paulo: Ática: 2001.

